

A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “AS GEOGRAFIAS”: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO VISUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Alexandre Junqueira Prado Gasparotti Nunes
Prefeitura Municipal de Bauru
alexandregasparotti@yahoo.com.br

Waldete Ap. Junqueira Prado Gasparotti Nunes
Prefeitura Municipal de Bauru
junqueirawaldete@ymail.com

RESUMO

Este texto contém a descrição das atividades e a apresentação dos resultados de um projeto de ensino de geografia que produzimos e colocamos em prática no primeiro semestre do ano letivo de 2013, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ivan Engler de Almeida em Bauru-SP. Trata-se do projeto de ensino Exposição Fotográfica “As Geografias”. Esse projeto envolveu as turmas dos nonos anos A e B da referida escola e consistiu na produção e exposição de um material fotográfico com imagens de paisagens relativas tanto a localizações com grande importância para a história da cidade de Bauru quanto de locais representativos para o cotidiano dos próprios alunos participantes do projeto. Para a elaboração de todo o trabalho tomamos como pressuposto inicial que a partir da produção de fotos e montagens de painéis pelos alunos participantes do projeto, esse acervo visual atuaria como um detonador do pensamento espacial para as pessoas envolvidas nas atividades, desde os alunos até os observadores da exposição. Os resultados obtidos nos mostraram que, ao trabalhar com imagens, o maior ganho para o educador é aprender lidar com as surpresas e não com as certezas.

INTRODUÇÃO

Apresentamos neste texto o relato de uma experiência de ensino de geografia realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ivan Engler de Almeida da cidade de Bauru-SP. Esta experiência começou a ser por nós concebida após realizarmos a leitura de textos produzidos por Oliveira Júnior (2009, 2011, 2012), Ferraz (2001) e Santos (2007); esses textos tornaram-se nossa fonte inspiradora porque eles levantam problemas da educação e do ensino de geografia sob perspectivas com as quais estamos de acordo. Em linhas gerais, a ciência geográfica e o ensino desta disciplina nas escolas de educação básica enfrentam problemas cujas raízes remetem aos fundamentos filosóficos e epistemológicos da ciência e da educação na contemporaneidade. A geografia constituída paradigmaticamente no período moderno é uma ciência que se caracteriza pelo rigor formal de sua linguagem e dos seus métodos de análise do espaço, e por isso torna-se um conhecimento que, quando aplicado no ensino escolar, enfrenta dificuldades para estabelecer relações com outras linguagens ou formas de pensamento espacial que os alunos trazem de seus ambientes de vivência cotidiana.

Além disso, a escola é uma instituição que organiza suas atividades de ensino com base em um currículo cujos conteúdos são escolhidos sob a perspectiva do saber enquanto instrumento que visa tornar os indivíduos esclarecidos. Estes conteúdos do currículo escolar ganham o status de um conhecimento “maior” frente ao restante das outras formas de conhecimento produzidas na sociedade. Esses conhecimentos

considerados pela escola como “menores” são os conhecimentos que as disciplinas escolares, entre elas a geografia, subestimam pela falta do rigor científico.

A experiência da realização da exposição fotográfica “As Geografias” tinha portanto o objetivo de dar a oportunidade para os alunos expressarem esses saberes menores através de um instrumento muito comum nas propostas didáticas de ensino de geografia: a imagem fotográfica. Entretanto, ao invés de utilizarmos a imagem fotográfica como uma forma fiel de representação dos aspectos do espaço geográfico, nossa proposta foi a de utilizar a imagem fotográfica como um instrumento de produção de sentidos espaciais, ou seja, como uma forma de linguagem a ser utilizada pelos alunos para construir sentidos de localização impossíveis de serem construídos através da linguagem conceitual incorporada nas palavras produzidas pelo discurso científico geográfico.

A ELABORAÇÃO DO PROJETO

Oliveira Júnior (2009) propõe o conceito de *geografias menores* para designar saberes que se dão como “ilhas em torno do continente da geografia maior (p. 19)”. Essa geografia maior a que se refere Oliveira Júnior é aquela geografia consagrada nos conteúdos prescritos pelo currículo escolar oficial e, também, as práticas didático pedagógicas comuns nas aulas de geografia das escolas de educação básica, aquelas onde, por exemplo, as imagens de livros e manuais do ensino de geografia assumem caráter de reprodução fiel de paisagens ou fatos geográficos, ilustrando e facilitando para o aluno o entendimento do que o professor de geografia deseja ensinar.

Também nos interessamos pela perspectiva de Ferraz (2001). Para ele a geografia não é apenas o resultado do trabalho de cientistas e profissionais do mundo acadêmico, mas também um conhecimento que se ampara em elementos da vida cotidiana das pessoas e, por isso mesmo, deve ser um conhecimento capaz de dar sentido a essa vida cotidiana. Assim sendo, o professor de geografia precisa estar aberto à diversidade do conhecimento geográfico e não ficar apenas ligado à verdade única da ciência. Para Ferraz

O professor deve sentir e refletir sobre essas questões, fenômenos e elementos da vida cotidiana [...] de forma que a análise científica deixe de ser a grande verdade que se impõe ao real, mas que permita que esse real seja lido em sua diversidade e em sua unidade no próprio processo de construção e vivência (p. 39).

Outra importante referência para a elaboração do projeto da exposição fotográfica foi Santos (2007). Tal qual Ferraz, Santos argumenta que o conhecimento geográfico não se inicia com a fundação de escolas ou academias dedicadas a cultivar um saber que posteriormente os seres humanos passarão a dar o nome de geografia. De acordo com Santos, a geografia tem também o caráter de um “certo tipo de comportamento associado diretamente às nossas necessidades de sobrevivência (p. 01)”.

O que permitiria a essas *geografias menores* terem espaço numa prática de ensino de geografia tipicamente escolar? De que maneira conseguiríamos atingir esse objetivo proposto por Ferraz de refletir sobre fenômenos e elementos da vida cotidiana; de permitir que o real pudesse ser lido em sua diversidade? E, também, como realizar junto com os alunos do ensino fundamental um processo de ensino-aprendizagem em geografia no qual fosse possível identificar nas geografias produzidas por esses mesmos

alunos os elementos referentes a comportamentos relacionados com suas necessidades de vida?

Foi com base nestas preocupações que pensamos em utilizar a imagem fotográfica como um recurso para aproximar a vida e o conhecimento geográfico. Nossa expectativa era utilizar as imagens fotográficas de objetos escolhidos pelos alunos como meio de colocar em movimento um processo de devir. De acordo com Deleuze (1992) o devir é todo processo que escapa a algum conjunto de condições historicamente consolidadas e que desvia-se dessas condições justamente para “criar algo novo (pag. 215).”

Desta forma, o projeto que colocamos em prática com os alunos dos nonos anos da EMEF Ivan Engler de Almeida consistia também numa experiência educativa com a qual buscávamos empreender uma ação política. Em nosso entendimento, nenhum projeto educacional está desprovido de conteúdo político, por mais desinteressado que pareça ser o professor quanto aos problemas políticos do mundo. Desta forma, além dos objetivos de natureza epistemológica, nosso projeto também buscava, apoiando-se na ideia de Deleuze sobre o devir, criar condições para que pedagogicamente uma novidade enquanto acontecimento educativo surgisse dentro do ambiente escolar, ambiente este avesso à emergência de novos acontecimentos em virtude do seu caráter institucional estruturado sobre rígidas prescrições curriculares e normatizações burocráticas.

A experiência que realizamos consistiu na elaboração de narrativas imagéticas, montagens de painéis com fotografias produzidas pelos próprios alunos. Na produção fotográfica e na elaboração dos painéis os alunos procuraram construir seus próprios significados de localização espacial. Esses significados poderiam ser construídos através de fotografias de objetos ou situações que seriam importantes para os alunos em razão de possuírem algum tipo de relação com a vivência espacial cotidiana deles. Veja como transcorreram as atividades.

O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Ao longo dos meses de março e abril do ano de 2013 todos os alunos produziram imagens fotográficas de objetos, paisagens ou fenômenos que posteriormente seriam usadas para construir uma narrativa imagética (montagem) que teria a função de produzir significados que respondessem à pergunta típica de quem pretende se localizar: “onde estou?”. Cada aluno, portanto, fotografou coisas que fazem parte o seu contexto de vida e que possuem portanto sentido para cada um deles se localizar espacialmente. Cada turma também realizou um passeio pela cidade de Bauru no qual foram fotografados objetos e locais da cidade. Foram percorridos os locais de origem da cidade de Bauru, o centro comercial antigo e novo da cidade e, por fim, o Bauru Shopping.

Uma quantidade grande de imagens foi produzida pelos alunos, aproximadamente setenta. Organizamos então os alunos em pequenos grupos e, com o auxílio dos recursos de alguns softwares de edição fotográfica¹, pedimos para que eles conversassem sobre as imagens captadas, escolhessem as mais significativas sobre os locais e fizessem uma edição destas. O objetivo da edição era que fosse feito um tratamento na imagem de modo a criar um novo sentido para o objeto ou fenômeno fotografado. Assim sendo, poderiam ser alteradas as cores originais, diminuir a nitidez da imagem, inserir algum objeto que na imagem original não existia, enfim, as imagens

¹ Cada grupo de alunos utilizou um dos seguintes programas: Photoscape, Picasssa ou Pixier.

poderiam ser recriadas de acordo com aquilo que nelas não estaria explícito a partir do ponto de vista dos alunos que as produziram ou dos alunos que apenas viram as imagens.

Na última etapa, cada grupo recolheu as fotos escolhidas e montou o seu painel. As fotos foram escolhidas e organizadas em sequência de acordo com a decisão do grupo sobre a maneira em que a disposição das imagens expressaria um sentido de localização espacial. Cada grupo escolheu um título para o seu painel e produziu uma frase que foi escrita na parte inferior do mesmo.

No dia oito de junho de 2013 foi realizada a exposição das fotos. O evento ocorreu num sábado e contou com a presença dos alunos e seus familiares, além do corpo docente da EMEF Ivan Engler de Almeida e equipe de gestão e coordenação pedagógica. Os painéis ficaram expostos na mais ampla das salas de aula da unidade escolar.

Após uma breve abertura do evento, todos os presentes foram convidados a contemplar as imagens. Depois de aproximadamente uma hora e vinte minutos, todos os presentes retornaram ao pátio da escola onde foram convidados a se manifestarem sobre qualquer tipo de impressão que tiveram após a contemplação das imagens. O pai de uma aluna do nono ano A se prontificou a fazer algumas observações sobre as imagens. Em linhas gerais, o pai da aluna destacou como as imagens retratavam uma situação de abandono a qual a cidade estava submetida, dado que boa parte das fotos evidenciava uma cidade com seus lugares históricos em processo de degradação. Além disso, o que também foi realçado pelo pai em sua fala foi a importância de resgatar a memória dos locais, pois esta memória estava sendo perdida com a degradação do patrimônio histórico de Bauru. Veja as fotos a que ele se referia.



Fonte: Alunos participantes do projeto

A DIFICULDADE DE ULTRAPASSAR A VISÃO DA IMAGEM-DOCUMENTO

Após a realização de todas as atividades, o que pudemos perceber foi a dificuldade em ultrapassar uma visão socialmente estabelecida da imagem como documento comprobatório. Na sociedade contemporânea, a imagem fotográfica ainda é vista, principalmente nos meios escolares e especificamente na geografia, como um testemunho que comprova que algo existe, que algo é exatamente da maneira como se está afirmando que ele realmente é. Pudemos avaliar durante o andamento das atividades do projeto com os alunos e também no dia da exposição com os pais e os demais presentes ao evento que muitos esperavam da exposição fotográfica que as imagens ali colocadas servissem como uma fonte para sabermos como na verdade estão hoje os lugares de Bauru. Veja por exemplo o que disse uma aluna sobre qual o motivo das suas fotos: “Passar uma informação sobre o que as pessoas estão vivendo.” Ainda sobre essa mesma aluna, quando lhe perguntei sobre qual elemento da sua foto poderia ser considerado como geográfico, sua resposta foi: “A poluição sobre o mundo.” Veja a foto produzida por esta aluna.



Fonte: Aluna participante do projeto

Percebe-se que a foto da aluna tem presente na imagem uma quantidade de lixo jogado nas margens de um pequeno lago situado no Parque Vitória Régia situado no centro da cidade de Bauru-SP. O que a aluna quis, portanto, foi usar a sua foto como testemunho de que realmente o meio ambiente da cidade está sendo poluído e a sua foto teve a função de informar as pessoas de que isso estava realmente ocorrendo.

Podemos considerar que afirmações como a desta aluna refletem a função que a nossa cultura atribui às imagens, principalmente dentro de um contexto escolar. Esse entendimento sobre a função das imagens no contexto escolar é o fator que faz com que as imagens percam seu grande poder de mobilização do pensamento. Roland Barthes também percebeu isso ao analisar o atributo de evidência que nossa sociedade confere às fotografias. Em suas palavras:

Essa certeza é soberana porque tenho o vagar de observar a fotografia com intensidade; mas também será inútil prolongar essa observação, ela não me ensina nada. É justamente nessa interrupção da interpretação que se encontra a certeza da Foto: esgote-me em constatar que *isso foi*; para qualquer um que tenha uma foto na mão, está aí uma crença fundamental, uma “Urdoxa”, que não pode ser desfeita por nada, a não ser que me provem que essa imagem *não é* uma fotografia (BARTHES, 1984, p. 44-45).

Como romper com essa crença de que a fotografia mostra exatamente o que as coisas são sem que precisemos convencer as pessoas de que aquilo que elas veem não é uma fotografia? Essa foi uma questão que ficou a todo o momento nos fustigando a mente, pois, tal como está colocado na citação de Barthes, sabemos que para quem tem uma foto na mão é quase impossível não permanecer no mero nível da constatação de que “isso foi” assim como está mostrado pela própria imagem. O objetivo da desconstrução das características originais das fotografias através dos softwares de edição era exatamente o de possibilitar uma maneira de tanto os alunos quanto os espectadores da exposição se desprenderem da noção da fotografia como uma constatação das coisas tal qual elas são ou estão. Infelizmente não tivemos o sucesso que gostaríamos. Essas são algumas das fotos que acreditávamos que poderiam servir para esse propósito e que foram justamente as menos percebidas durante a exposição.



Fonte: Alunos participantes do projeto

No balanço geral das atividades desenvolvidas, constatamos que para os alunos participantes das atividades do projeto a tarefa de responder a pergunta onde estou foi entendida como o oferecimento de informações, através de imagens, sobre os objetos que existem fisicamente no espaço, assim como documentar com fotos o que está ocorrendo com os monumentos da história da cidade de Bauru, tanto numa escala menor como o seu bairro, quanto numa escala um pouco maior, como a da área do município. A imagem foi tratada pelos alunos como fonte de informação, documento, instrumento para saber como é o espaço geográfico onde as pessoas vivem, e a alteração dos aspectos estéticos das imagens pouco foi percebida tanto por eles quanto pelos espectadores da exposição, pois como demonstram os depoimentos que conseguimos obter dos alunos e dos espectadores da exposição o que ambos ficaram tentando encontrar nas imagens fotográficas eram apenas as informações que as mesmas poderiam fornecer. Isso está muito claro na afirmação de uma aluna sobre o que ela

tinha em mente ao fotografar os locais antigos da cidade de Bauru: “relatar o jeito que está destruída (a cidade) hoje.”

CONCLUSÃO

Demos o nome ao evento de Exposição fotográfica “As Geografias” inspirados pela ideia de que o nosso projeto se constituiria numa prática de ensino fundada numa experimentação ativa, por isso, potencialmente produtora de geografias menores. Após a realização de todas as etapas do projeto, a pergunta que estamos tentando responder é: conseguimos atingir algum tipo de geografia menor com esse projeto?

A princípio entendemos que nosso trabalho se pautou na mobilização dos alunos numa prática pedagógica em que as prescrições curriculares da chamada geografia maior não eram os elementos balizadores de avaliações quanto ao tão propalado objetivo da garantia da aprendizagem que tanto escutamos de muito educadores. Em nosso projeto, perguntas como: quais aprendizagens foram proporcionadas? Ou então: o que o aluno conseguiu aprender do conteúdo trabalhado? não desfrutaram da centralidade que possuem na prática pedagógica associada a reprodução dos conteúdos pré-estabelecidos pelo currículo escolar oficial e que é tradicionalmente exercida na maioria das escolas de educação básica.

Ao darmos o nome de Exposição Fotográfica “As Geografias” queríamos que o evento tivesse a conotação de uma oportunidade para que os saberes não reconhecidos como “geografia” pelas normas do currículo escolar oficial pudessem ter espaço dentro de uma instituição escolar. Mas fotografias produzidas pelos alunos dos nonos anos A e B da EMEF Ivan Engler de Almeida envolvidos no projeto da exposição fotográfica conseguiram ou não derivar saberes de tipo geográfico? Entendemos que o fator que dificulta-nos a realização dessa análise está na nossa própria posição de professores de geografia que também tivemos o nosso entendimento sobre a natureza do conhecimento geográfico construído dentro das universidades, ou seja, das instituições que celebram a maneira de pensar o espaço dentro dos critérios de cientificidade aqui criticados. É portanto ainda muito difícil estabelecer conclusões sobre tudo o que conseguimos atingir em relação ao conhecimento geográfico com o trabalho que realizamos. Preferimos por enquanto pensar que algumas coisas foram importantes no trabalho realizado, principalmente no que diz respeito ao exercício de um tipo de relacionamento entre os alunos e o conhecimento mais propício às possibilidades de criação, algo que é muito difícil de ser obtido nas escolas que executam propostas pedagógicas fundamentadas na rígida aplicação de diretrizes e dos conteúdos do currículo oficial da educação básica.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992

FERRAZ, Cláudio B. O. **O ensino de geografia para além da geometrização do espaço: apontamentos entre o redondo e as retas**. In: Caderno prudentino de

geografia nº 23. Presidente Prudente: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2001. P. 38-49.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. **A educação pelas imagens e suas geografias**. *Proposições*, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.

_____. **Desenhos e escutas**. In: Ensino de geografia: novos olhares e práticas. / Flaviana Gasparotti Nunes (Organizadora). Dourados: UFGD, 2011.

_____. **Devir professor: escritos e estágios docentes**. In: Educação e cultura: formação de professores e práticas educacionais/Wenceslao M. de Oliveira Junior & Maria do Carmo Martins (Orgs). Campinas: Alínea, 2012.

SANTOS, Douglas. **O que é Geografia?** São Paulo, 2007 (Texto Inédito).